

## DA DISTÂNCIA DISCURSIVA À SUA NEGAÇÃO: NA PEQUENA FÁBRICA DOS *BLOGS* POLÍTICOS

Frédéric Torterat<sup>i</sup>

**Resumo:** Como lugar de diálogo e, às vezes, de espaço de conflitos, a blogosfera política implica gestão discursiva que tem por singularidade, entre outros, oscilar entre uma missão cidadã de informar a população e a exigência de promover a linha ideológica de uma formação política e de uma pessoa em particular. Comentaremos neste artigo uma das práticas discursivas representada em blogs, a saber, a negação (seguida de um distanciamento), do que daremos dois exemplos concretos.

**Palavras-chave:** *Blog*. Política. Negação. Distância (discursiva).

**Abstract:** As a frame for dialog and sometimes a space of conflicts, Politic Blogosphere implies a discursive management which fluctuates between civic information for population, and ideological orientations' promotion of a political party and someone in particular. In this perspective, we comment in this paper one of the Discourse Practices represented in blogs, namely the denial following a gaffe, that we illustrate with two concrete examples.

**Keywords:** *Blog*. Politics. Denial. Gaffe

---

<sup>i</sup> Docente da Universidade de Nice, França. E-mail: [frederic.torterat@unice.fr](mailto:frederic.torterat@unice.fr).

Os distanciamentos discursivos são tanto objetos do cotidiano quanto manifestações recorrentes da vida política. Regularmente comentados pelos jornalistas (LABORDE-MILAA, 2009; TORTERAT, 2010), pelos próprios políticos (ALDRIN, 2010; TORTERAT, 2011b), pelos foreiros<sup>1</sup> e também pelos “cidadãos” blogueiros, eles se eventualizam ou, ao contrário, são logo substituídos por outros elementos factuais ou por outras (pré)ocupações do momento.

Os distanciamentos discursivos, tais como nós os entendemos aqui, correspondem a propósitos inconvenientes e/ou chocantes, mantidos em presença de terceiros, e cujo caráter intempestivo os inscreve em decalagem em face do que é comumente admitido, até mesmo do que é conforme a linha ideológica da formação política implicada. Essas manifestações verbais, em termos de análise do discurso e abordagem interdisciplinar do fato social são representativas dessas “palavras em excesso” que circulam inopinadamente pelo Web e na imprensa. Para tanto, mesmo que os políticos se apoderem frequentemente dessas “derrapagens” com fins de recuperação, parece que essa forma de mediação - que é a blogosfera - lhes permite também, quando eles mesmos são os autores dos distanciamentos, praticar várias formas de negação.

É esta prática que comentaremos nas páginas daqui em diante, através de dois exemplos que não são nem o apanágio de um partido, nem aquele de indivíduos em particular, mas que nos parecem significativos de uma caminhada que além de ser refutativa revela-se tão particularmente irresponsabilizante<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Participantes e/ou organizadores de fóruns.

<sup>2</sup> Trata-se do *blog* de Chantal Brunel, deputada da Circunscrição de Seine-et-Marme, perto de Paris. (<http://chantalbrunel.net/>), e o de Patrick Devedjian, que é ex-ministro, deputado e escritor francês (<http://www.blogdevedjian.com/>).

Na medida em que uma futilidade é também um erro político, logo intervêm as questões de suas repercussões e de sua reparabilidade. Vários estágios discursivos podem então intervir à sua sequência, como a *mea culpa*, a justificação, a explicação “pedagógica”, ou o desmentido, mas igualmente a negação, que aparece aqui e lá na blogosfera política.

No mundo contemporâneo, que é também o dos “fluxos” (BERTRAND LE GENDRE, *Le Monde Télévision* du 7 juin 2010, p. 34), a Web facilita de muitas maneiras a circulação da informação e acelera o que chamaremos, de bom grado, como vários autores, a velocidade das palavras. A difusão pela web 2.0 é acompanhada, neste caso, de vários tipos de mecanismos, como as contribuições múltiplas (tais como aparecem os “comentários” *online*, por exemplo), as quais favorecem quaisquer espécies de debates instantâneos e outros tumultos.

Para dar de imediato um exemplo de nosso propósito, citamos Chantal Brunel, deputada do UMP (partido de direita francês), que declara durante uma entrevista dada em 8 de março de 2011, de modo direto, aos jornalistas nos corredores da Assembleia Nacional: “Não é normal que os franceses não estejam tranquilizados, também, quanto a todas as populações que vêm dos ... eh, do Mediterrâneo. Assim considerando, recoloquemo-los nos barcos!”. Em um contexto de deslocamento de populações migrantes vindas de países árabes em ebulição, tal sugestão constitui realmente um distanciamento.

E no dia seguinte, tratar-se-á efetivamente de uma “enésima derrapagem” (Harlem Désir, número dois do Partido Socialista), de uma “saída [que] dá vontade de vomitar” (Pierre Laurent, do Partido Comunista), até mesmo de um desses “horrores que são ouvidos até a eleição presidencial” (Claire Rodier, jurista e militante associativa): em resumo, uma “vaia”,

como o evocarão, especialmente em 9 e 10 de março (na edição em papel ou *online*), *Le Figaro*, *Le Parisien*, *Le Télégramme*, *France-Soir*, *La Provence*, *L'Express*, o *Journal du Dimanche* e *Le Point*. Mesmo se um tal respondente incitar logo a eleita a se intrometer em uma forma de contornamento, *o que está dito está dito*, e Chantal Brunel não poderá subtrair-se à denegação de sua própria formação política.

Neste meio tempo, a autora do distanciamento, que dispõe de um *blog* pessoal, ali escreve, em 8 de março, que seus propósitos "foram motivo de uma redução"<sup>3</sup>. Eis aí o argumento que ela dá:

Meus propósitos ligados à imigração clandestina vinda dos países do Mediterrâneo, pronunciados na Assembleia Nacional, foram motivo de uma redução. Todavia, o sentido de minhas palavras não muda: a França não está em condições de acolher o fluxo de imigrantes clandestinos saídos da margem sul do Mediterrâneo e a Europa deve, o mais rápido possível, encontrar uma solução combinada com a Itália a fim de que essas populações sejam reconduzidas a seus países, nas melhores condições possíveis. Em nenhum caso eu quis dizer que esses clandestinos retornem à casa deles nos mesmos barcos, nesses barcos em que eles correm risco de vida.

De conjunto e na mesma construção, o grupo de palavras "foram motivo" implica um passivo sem actante expreso, e subentende a intervenção de um terceiro coletivo do qual nada é dito, mas ao qual é todavia feita breve alusão.

A enumeração que se segue se apresenta como inteiramente impessoal, visto que ela se atém a dar as grandes linhas de uma possível

resposta política a uma crise euro-mediterrânea, uma resposta da qual a autora formula "o sentido" sem dar a verdadeira significação: a da recusa em acolher os migrantes (com, portanto, uma reafirmação unilateral das fronteiras). Quanto à última frase, ela leva à negação as partes - do desmentido ("em nenhum caso eu quis dizer") e de compaixão ("nesses barcos sobre os quais correm risco a cada instante de suas vidas") - que faltaram quando de sua declaração nos corredores da Assembleia, permitindo à responsável política, de passagem, insinuar que não a entenderam.

Essa forma de negação não se atém a algumas fórmulas variavelmente marcadas, mas se dilui na inteireza da mensagem, passando assim por diversas refutações e alusões que participam de uma caminhada de desresponsabilização. Ora, mais significativo ainda é esta outra postagem que apareceu na segunda-feira, 14 de março, em que a autora fala totalmente de outra forma sobre a "redução" em seu *blog*<sup>4</sup>:

Exprimi publicamente minhas lamentações sob a forma utilizada. De fato, eu tinha exprimido claramente minha posição a um jornalista, mas utilizei uma redução inoportuna em confronto com outra, e é essa versão que foi midiaticizada.

Observar-se-á facilmente que nessa segunda contribuição, a "redução" não é mais verdadeiramente a mesma. Enquanto, na primeira postagem, o erro voltava ao terceiro coletivo (em particular, os jornalistas, certos políticos malévolos e também uma parte da população), o segundo reformula a crítica, *a priori*, sob forma de autocrítica: da negação, passamos, à primeira vista, ao *mea culpa* em face de um distanciamento, aliás, qualificado de "inoportuno". Entretanto, quando essa

<sup>3</sup>

Da

URL:

<http://www.chantalbrunel.fr/blog/page/3/>

[consultada em 7 de abril de 2011].

<sup>4</sup>

Do *link*

seguinte:

<http://chantalbrunel.net/2011/03/14/tempe-mediatiq-ue-sur-mes-declarations/> [consultado em 22 julho de 2011].

concessão parecia mesmo como responsável, ela é seguida de perto, desta vez, por uma denúncia dos *outros*, e em particular de um jornalista (um fato que se mostra bastante atual<sup>5</sup>). Realmente, na medida em que “é esta versão que foi midiaticizada”, isso supõe não somente que existam várias, mas ainda que o pouco de verdade que existe nesse assunto é, em definitivo, falso. Entre as duas postagens, que não estão separados senão por uma semana, o mesmo passo de desresponsabilização passa de uma intervenção que consiste em deplorar uma incompreensão (pondo de passagem a hipótese de uma conspiração) a uma outra que volta a insinuar a existência de um preconceito.

Outro exemplo de negação nos é dado antes, em junho de 2007, pelo ex-ministro Patrick Devedjian, que, durante uma discussão com colegas em entrevista particular (embora filmada por jornalistas), qualificará uma rival política centrista de “vagabunda” (no dia 28). No dia seguinte, também numerosas réplicas intervirão. O próprio Presidente Nicolas Sarkozy dirá que “não é uma maneira de falar” e Anne-Marie Comparini (a eleita insultada) lamentará, de seu lado, os “propósitos chocantes, deploráveis”, sem falar das múltiplas outras declarações cujo inventário ocuparia por si só esse comentário.

Pressentindo a contra publicidade que tal excesso tem a possibilidade de provocar, o autor apresentará, no dia seguinte, suas desculpas em seu *blog*<sup>6</sup>, aparentemente, de início, sob a forma de um *mea culpa*:

Terça-feira, 26 de junho, no Palais-Bourbon, eu disse, em particular, uma grosseria detestável a respeito de Anne-Marie Comparini. Eu não imaginava, nem por um segundo, que se tornaria pública. Certamente não há uma razão para tê-la

proferido, mas acontece aos homens políticos como a todo mundo de se deixar levar estupidamente. Desde que aprendi que esses propósitos tinham sido difundidos sem o meu conhecimento, imediatamente fiz, na quinta-feira, 28 de junho, à tarde, um comunicado para desculpar-me publicamente e chamei pessoalmente Anne-Marie Comparini para dizer-lhe todas as minhas profundas lamentações e minha estima pessoal. Reiterei desculpas públicas no dia seguinte.

A opinião conclusiva que segue, ao contrário, desloca o assunto despreendendo, em grande parte, o político, que rejeita o erro dos difusores de suas palavras, com uma negação não dissimulada:

Fiz uma interjeição, totalmente deslocada, eu reconheço, que acentuava a tensão que havia com o Modem [partido centrista] durante as legislativas. Enfim, a maneira pela qual meus propósitos foram difundidos e avaliados por milhões de internautas coloca, assim mesmo, um verdadeiro problema: se nada mais é particular, se tudo deve ser totalmente transparente, o totalitarismo não está longe e a liberdade individual, verdadeiramente ameaçada.

Se essa sensação é compartilhada por alguns jornalistas, o que admite, por exemplo, Jean Daniel que, durante sua entrevista com Emmanuelle Duverger e Robert Ménard pela revista *Médias* (2008, p. 96), confessa que “evita empregar a expressão *vida privada* pois tudo se tornou vida pública”, um tal contornamento apoia-se, entretanto, em deslocamentos argumentativos<sup>7</sup>.

Primeiramente, a “grosseria detestável” tornou-se uma simples “interjeição”, o que equivale dizer que os palavrões e os insultos não têm mais peso do que os *oh!* e outros *oups!* que deixamos escapar no cotidiano. Além do mais, não acontece com todo mundo

---

<sup>5</sup> Cf. Moirand 2008, Torterat 2011b.

<sup>6</sup> No link: <http://www.blogdevedjian.com/emotions/> [consultado em 23 de julho de 2011].

<sup>7</sup> Jean Daniel é um jornalista e escritor francês, editorialista da *Nouvel Observateur*, do qual ele é aliás o fundador (1964).

o “deixar-se levar”? Inscrevendo o fato na quotidianidade, o responsável político lhe retira uma parte de sua condição de evento (TORTERAT 2011a) e o remete à gama das trivialidades e, por assim dizer, dos pequenos *petits riens* jornalescos. Ora, o passo de desresponsabilização não se atém nisso, e constatamos, no *blog*, que além da objeção que exprime o político (“eu não imaginava”), intervém a denúncia de uma prática jornalística, a da difusão do *off*, que o blogueiro formula através da designação de um afastamento “difundido sem seu conhecimento”. Do reconhecimento de um erro deplorável, nós passamos à construção de uma censura que conduz P. Devedjian a corrigir os próprios jornalistas, ocupando assim o terreno da deontologia, sem todavia se posicionar claramente. Como compreender de outra forma essa opinião sobre o fato de que “a maneira pela qual seus propósitos foram difundidos e avaliados por milhões de internautas, coloca assim mesmo um verdadeiro problema»? Deslocando o debate sobre a tensão existente entre vida privada e vida pública, o blogueiro deduz que “o totalitarismo não está longe e a liberdade individual, verdadeiramente ameaçada”: para o menos deturpado, o distanciamento cometido pelo locutor amesquinha, por trás, uma generalização sloganizada (cf. TOURNIER, 2002), e se desfaz em benefício de uma recusa de conspirações ilusórias. Capta-se então, espontaneamente que o “problema” não é verdadeiramente o excesso do responsável eleito, mas uma prática da *Web* jornalística e “cidadã” (Cf. POUHAËR, 2008), que parece ser a única “ameaça” que se deva deplorar.

Indiquemos, todavia, que a maneira pela qual essa grosseria passará à “memória social” (ROUSSIAU; RENARD, 2003) é bastante singular. A palavra em si e a tentativa de desresponsabilização que se seguiu confirmaram a representação do eleito, alguém que tem dificuldade em se conter, notadamente quanto às mulheres. Os jornalistas, com razão,

divertiram-se várias vezes em função das declarações em que este último precisamente se contém. Assim Alain Auffray, em *Libération* de 26 e 27 de março de 2011 (p. 6, no interior de uma rubrica intitulada “Evénement”), escreve isto:

Para a eleição do presidente [de Região], Devedjian não tem ilusão: “*Nada se fará sem o acordo de Nicolas Sarkozy*”. Ele acrescenta, em um eufemismo, que ele “não está certo” de que oferecer um departamento a Isabelle Balkany lhe faça ganhar pontos para a eleição presidencial.

Esse comentário é tão mais *expressivo* que o mesmo jornal intitulava, em 30 de junho de 2007, “Tempo ruim para Patrick Devedjian”, com uma primeira palavra (*sale*) fazendo referência àquela que ele havia empregado para insultar Anne-Marie Comparini. Por se tratar, em março de 2011, de outra rival, capta-se de imediato a verdadeira palavra que esconde eventualmente esse “eufemismo”, pois a memória das palavras, fundamentalmente interdiscursiva, é de uma persistência difusa de que os jornalistas se apoderam à vontade (integrando-as regularmente às “séries”). Ora, estas não têm evidentemente o monopólio, e lembramos que em termos de difusão e de rematerialização, a blogosfera em si “é o resultado de um processo que revela a existência de “micromundos sociais” [...] onde cada um se lê, se comenta e se liga mutuamente” (TRÉDAN, 2010, p. 74), em particular no que tange à civilidade e ao viver junto, questões sensíveis em numerosos blogueiros (DREZNER, 2004).

Do lado de Alain Auffray, relevar essa eufemização é tão mais significativo do que constitui uma prática meio perigosa entre os próprios jornalistas, os quais são frequentemente acusados de alisar os fatos dissimulando precisamente o que eles apresentam de acontecível, de revelador e precisamente irreversível. Efetivamente como

os reprovam numerosos comentaristas nos foruns e *blogs*, os jornalistas são regularmente suspeitos de mascarar a violência política feita aos cidadãos, assim como o resumem Tévanián e Tissot (2010, p. 48) nestes termos:

Eufemismo ainda: o propósito racista mantido por um ministro do interior (Brice Hortefeux) em um lugar público (a Universidade de verão da UMP) é requalificado como simples "bola fora" (*M6*), "gafe" ou propósito "desastroso" (*Libération*), "imperícia" ou "derrapagem" (*Le Monde*), tantos termos assinalam finalmente sua insignificância...

Não esqueçamos, todavia, que as implicações em termos de responsabilidade não são análogas, como o denuncia por sua parte o cronista Edouard Launet no *Libération* de 05 de julho 2007:

Deploráveis distanciamentos de linguagem, à esquerda como à direita, para frente e para trás, têm recentemente chocado a França, país de arte e de história. Mas eles agradaram magistrados e insultólogos que aí encontraram matéria para reflexão. [...] Observar-se-á que ter tratado Anne-Marie Comparini de "*vagabunda*" não custou nada a Patrick Devedjian, e que ter escrito sobre Daniela Lumbroso que era uma "*canalha pretenciosa*" não deveria anular muito o crédito de Catherine Dolto, filha de Françoise, já que nenhuma pena foi pedida contra ela na audiência.

Nos dois exemplos comentados acima, os distanciamentos discursivos não tiveram efetivamente repercussão judiciária para seus autores. As postagens destes últimos tiveram, portanto, por principal objetivo reduzir o máximo possível os danos políticos da contrapublicidade provocada pelos fatos. Para tanto, seus próprios *blogs*, restritos entre "a memorização de um evento" e "um processo de comunicação e de diálogo através do qual uma parte dessa experiência emocional pessoal é partilhada", como o escrevem Valencia *et alii* sobre a mediação (2003, p. 152), contêm, eles também, escritos que *permanecem*, da

mesma maneira que as tomadas fílmicas do *off* e os propósitos relatados na imprensa.

As recorrências discursivas representadas na blogosfera política, que se atribuem a práticas (de eufemização, de recuperação ou de serialização, por exemplo) ou a gêneros (como a controvérsia, e porque não o *mea culpa* ou o desmentido) são, em nosso ponto de vista, reveladores da maneira pela qual os representantes do mundo político abordam e encaram as questões de sociedade em geral. Ora, entre essas questões, a do civismo e a da(s) responsabilidade(s) política(s), fazem parte, de agora em diante, de uma cultura cidadã impregnada de perplexidade. Uma perplexidade que não é mais possível hoje, precisamente, *manter à distância*.

## Referências

ALDRIN, Philippe. L'impensé social des rumeurs politiques. Sur l'approche dominocentrique du phénomène et son dépassement. *Mots*, Paris, n. 92, p. 23-40, 2010.

DREZNER, Daniel. Is Civility an endangered species in the blogosphere?. En ligne [http://www.danieldrezner.com/archives/001414.html, cons. le 01/05/2011], 2004.

DUVERGER, Emmanuelle, MÉNARD, Robert. Jean Daniel: Os políticos são apressados, as mídias apressadas. *Médias*, Paris, n. 18, p. 90-97, 2008.

LABORDE-MILAA, Isabelle. Les chroniques linguistiques médiatiques traitant des mots du politique: un nouveau sous-genre ?. In: BURGER, Marcel, JACQUIN, Jérôme et MICHELI, Raphaël (Eds.). *Actes du colloque "Le français parlé dans les médias: les médias et le politique"*. Lausanne [url: http://www.unil.ch/webdav/site/clsl/shared/Actes\_FP\_M\_2009/LabordeMilaaFPM2009.pdf.], 2009.

MOIRAND, Sophie. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. *Estudios da Língua(guem)*, n. 6/1, p. 7-46, 2008.

TORTERAT, Frédéric. Da lacuna discursiva à sua negação: na pequena fábrica dos blogs políticos. Tradução de Silvana Gualdieri Quagliuolo Seabra. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.1, p. 49-55, nov. 2011.

---

POUHAËR, Eric. Les Infrastructures de l'immédiat. *Médium*, Paris, n. 14, p. 77-87, 2008.

ROUSSIAU, Nicolas, RENARD, Elise. Des Représentations sociales à l'institutionnalisation de la mémoire sociale. **Connexions**: éditions Erès, n. 80-2, p. 31-41, 2003.

TÉVANIAN, Pierre, TISSOT, Sylvie. La Langue des médias, pourquoi la critiquer, comment la critiquer ?. **Mouvements**, Paris, n. 61, p. 45-59, 2010.

TORTERAT, Frédéric. Quand la publicité politique se confronte au *buzz* journalistique: le cas des dérapages verbaux traités dans une rubrique de quotidien. **Signes, Discours et Sociétés**, Paris, n. 5 (En ligne: <http://www.revue-signes.info/document.php?id=1807>), 2010.

TORTERAT, Frédéric. Entre linguistique, psychologie politique et sociologie des médias: les *écarts discursifs* comme lieux de l'inconscient collectif. **Cahiers de Psychologie Politique**, Herblay, n. 18 (En ligne: <http://lodel.irevues.inist.fr/cahierspsychologiepolitique/index.php?id=1842>), 2011a.

TORTERAT, Frédéric. Les Discours déploratifs dans les journaux quotidiens, à travers l'*info-buzz*. **Le Discours et la Langue**, Bruxelles, n. 2.1., 2011b.

TOURNIER, Maurice. **Des Mots en politique (2)**. Lyon: ENS éditions, 2002.

TRÉDAN, Olivier. La Construction des mondes sociaux par la pratique de l'auto-publication. **Communication & Langages**, Paris: A. Colin, n. 165, p. 73-86, 2010.

VALENCIA, Jose (F.), ELEJABARRIETA, Fran Javier, PÁEZ, Dario, VILLARREAL, Mikel, WAGNER, Wolfgang. Génération, polémique publique, climat social et mémoire collective des événements politiques. **Connexions**: éditions Erès, n. 80, p. 151-155, 2003.

*Tradução:*

*Silvana Gualdieri Quagliuolo Seabra*

Mestre em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: [chezsilvia@chezsilvia.pro.br](mailto:chezsilvia@chezsilvia.pro.br).

*Revisão da tradução:*

*Carlos Alberto Magni*

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo, Brasil. E-mail: [carlosmagni@uol.com.br](mailto:carlosmagni@uol.com.br).